

# A PATRIA

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

## ASSIGNATURA

Em Ovar, semestre. . . . . 500 réis  
 Avulso . . . . . 20  
 Para fóra da villa, accresce o porte do correio

## Composição e impressão—IMPrensa CIVILISAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves  
 RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis.  
 Permanentes e reclames a preços convencionaes.  
 Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

## A OBRIGA

## Pena de morte

«A guilhotina, que é a concreção da lei, aquilo a que chamam «vindicta», não é neutral nem nos permite sel-o. A sua vista cauzna na alma o mais misterioso estre-mecimento. Em torno d'esse cutelo surjem temerosas todas as questões sociaes que esperam dos homens a sua definitiva resolução. O cadafalso é uma visão. Não é uma mole de madeira, uma maquina simples, um mecanismo inerte feito de pau, ferro e cordas. É uma como misterioza creatura, dotada de não sei que sinistra iniciativa. Dir-se-hia que essa mole de madeira vê, que essa maquina ouve, que esse mecanismo comprehende, que esse ferro e essas cordas teem uma vontade. A vista d'um cadafalso faz embrenhar o espirito em sombrias cojitações, do meio das quaes surge terrivel e como que circundado dos espectros das suas victimas. O cadafalso é o cumplice do algóz; não come, devora; o seu alimento é carne, sangue a sua bebida. É como que um monstro fabricado pelo juiz e pelo carpinteiro, um espectro que parece viver a horrorosa existencia formada de todas as mortes de que tem sido instrumento.!!

Victor Hugo.

Em França a vergonha da terceira, actual republica é a pena de morte, o exercicio da guilhotina. E o debate que lá, a esta hora, é com paixão desenvolvida no parlamento justamente é essa da abolição ou conservação da guilhotina. Implica isso todas as questões de criminalidade, toda a diagnoze de conservação social, toda a defeza do estado à priori; e toda uma revolução nos processos de indemnidade social à posteriori. A pena de morte, horrendo recurso não de lejitima defeza mas da permanencia do caracter de vingança, que herdamos dos antecessores, será na verdade um agente profilatico do crime, um meio de pervenção repressiva mediamente eficaz—ou, ao contrario; será uma inutilidade indefensavel perante as modernas theorias criminalistas, uma crueldade que não remedeia, um abuzo que não reprime?

Uns por não, outros, rancorosamente, por sim; no parlamento, em França, agita-se e vivamente a questão. Pela orientação da estatistica ora parece que razão assiste aos que a abolição da guilhotina promovem, ora tambem se supõe que razoaveis são os que a não aceitam. Com os numeros se é muito facil provar o bem não é de todo impossivel zelar o mal, prestando-se as cifras e os dados, alem de tema e scopo a honradas exposições; tambem aos mal intencionados e

habilitozos expedientes de defender o que existe, como agora se verifica na camara dos deputados, franceza.

Apezar disso, no entanto, certo é que o movimento criminologico; verificavelmente, não depende e se não explica pela gradação e alternancia da penalidade exercida.

Nem sempre as estatisticas concordam com determinada especulação sociologica, mas o que, para o caso, é incontroverso, é não haver relações de prevenção e de dependencia entre o crime e o castigo. Nisso toda a legislação europea dá segurissimas deduições; em toda a parte tendo diminuido o rigorismo das leis e não havendo, paralelamente, augmentado a contribuição dos delictos. Portugal, entre outros povos, é um exemplo expressivo:—apóz a abolição da pena de morte (a forca) ninguem verificou no paiz acrecimento e progressão de atentados. Nenhuma epoca existiu na humanidade de mais feroz repressão «vindicta» que a que foi a Edade Media, e, contudo, em poucas edades da historia foi tão endemica e tão intensa a pratica jeral do crime. Basta para edificação o ter visto o volume de Michelet—*Les Origines Du Droit*, na materia um dos assimilaveis, sem custo, para nos cair por terra a superstição de que a repressão inexoravel é o preventivo do crime:—o medicamento salvador.

Maudsley, á Inglaterra referindo-se, demonstra que a suavização da pena foi seguida, na sua patria, de uma diminuição de delictos, e não se argumente que seja uma exemplificação parcelar, pois facto é que em outros paizes tendo-se aliviado a penalidade, o facto não orjinou multiplicidade de movimento á engrenagem dos tribunaes; ou aos arquivos da policia.

O crime não,—não progride pela atenuação da penalidade; e se assistimos, em quaiquer parte e prezentemente, a um aumento de criminozoz, devemos procurar noutras cauzas a razão desse agravamento.

Ora, na actualidade, qualquer medico ou advogado, razoavelmente, não desconhece que o criminozo é um anormal, muitas vezes, e eles mesmos o classificam de, mais ou menos, tarado; aceitando—em teze, ao menos—que a diagnoze do crime denota falhas fisiologicas ou predisposições irremissiveis. Muitos tambem aceitam o determinismo incoercivel, aliaz, cientificamente inegavel, de modo que vistas as cozas de conjunto e especializadamente, a dentro da lojica, da ciencia e do livre exame, não será temeridade avançar

que a irresponsabilidade é mais rigorozamente acéitavel; do que é admissivel o livre arbitrio.

O ponto está no melindre de defender a doutrina em suas consequencias proximas e remotas, a corajem é afirmal-a quando as suas concluzões, a exemplo desta, brigam, absolutamente, com as preocupações sociaes. Parante a constituição corrente das sociedades é um mal visto labor; indispensavel, contudo, por sujerir pontos de referencia preciosos no estudo das relações entre os homens.

O criminozo é o producto das influencias ambientes e das impulsões atavicas, uma rezultante de desequilibrios nervozos e de incitamentos degenerescentes, de condicionalismos sociaes; e o seu acto, inumeras vezes, é uma expressão de loucura.

O agregado provoca crimes sem conta, em muitos é a cauza intrinseca de *tudo o acto que redunde em supressão do individuo*, não podendo o agente do crime, efeito de preformações, furtar-se á acção violenta para que foi impelida; motivo atuante de tão delgados fios que os não distingue, mais tarde, a penetração e finura do mais perfeito juiz.

Isto é tão vulgarmente sabido, que o passamos sem mais reparo, e comprova que o julgamento, em ultima analize, é um abuzo da forca. Quanto mais matar, vingar determinado ofendido ou a qualquer convenção, o que é a persistencia do criterio barbaro da defeza, de pena de Talião,—não confundir com Justiça.—E quando assim, ainda, não fosse; quando responsabilidade fisiologica e liberdade de volição fossem numeradores verdadeiros, havia o embargo, inviavel, dos erros judiciais.

Imajine-se — guilhotinado, ou enforcado, o julgado, por mero e horrivel engano... E os inocentes que teem vitimado—ora a forca, ora a guilhotina!

Antonio Valente.

## Ovar e a beneficencia

## IV

No ardimento intenso e continuado do combate pela vida os ovarenses preocupam-se sómente com a conquista que alvejam seguindo intrepidamente ávante sem attentarem se ao lado e para traz ficam para traz, feridos e estropiados, alguns dos seus camaradas de lucta.

Ai! não poucos ficam gemendo e lastimando-se da sua crua sor-

te, porque a batalha é renhida e muitos succumbem aos duros golpes da aspera refrega.

E não podia deixar de ser assim.

Constituido o grosso d'esse grande exercito teem-se achado os pescadores, os oleiros e os trabalhadores do campo.

Os pescadores, intrepidicos como nenhuns, n'uma costa desabrigada e açoutada constantemente pelo mais aspero e violento vento norte, affrontam quotidianamente as coleras temerosas do oceano para lhe arrancarem a sua diaria alimentação.

Fortes e robustos por disposição atavica e pelo exercicio continuado em pleno ar ao embate de todos os elementos por mais inclementes que elles sejam, que não pela riqueza da alimentação, frugal como nenhuma, o seu natural denodo e o incitamento da familia numerosa, que sómente do seu trabalho e da remuneração d'elle provientente haure a sua subsistencia, impelle-os a arrastar com todos os perigos. E elles na sua vida affanosa frequentemente deparam a morte tragica ou alguma desastrosa mutilação, ou a invalidez prematura, ou a doença grave que os inutilisa permanente ou temporariamente para o trabalho e portanto para o amparo da sua familia, sem que do minguado salario auferido da sua labutação precaria e sempre mal remunerada lhe haja permitido reservar um pequeno peculio com que possa recuperar a sua integridade physica e muito menos que garranta a sua subsistencia e de sua familia.

Os oleiros, sempre expostos ás peiores hygienicas que das officinas rudimentares, escuras e desabrigadas onde vivem immersos n'uma atmospheria humida até á saturação e banhados em humidade fria os arrojados a bocca do forno primitivo onde são requeimados por um calor intenso, levam uma vida exgotante, cortada incessantemente de doenças graves e prolongadas, que, quando não os victimam, lhes depauperam e arruinam o organismo, inutilizando-os e acorrentando-os ao leito da dôr sem que a abastança almejada os venha ao menos confortar com a certeza de que o seu atroz supplicio não é aggravado com a tortura da fome propria e dos seus.

Os trabalhadores ruraes, em Ovar como em toda a parte, são verdadeiros servos adscriptos ao solo, auferindo quando muito o sustento diario quando a sua valdez o arranca da terra n'um labôr ininterrupto.

Claro é que a sociedade, for-

mando um verdadeiro exercito occupado na lucta incessante do trabalho em que todos os homens enfileiram uns ao lado dos outros, não pôde, sem risco de enfraquecer na sua acção combativa ou de vêr mallogrado o seu intuito civilizador, deixar rarear as suas fileiras e abandonar no campo de bata'ha os que são feridos e derribados no ardôr do combate. Além do sentimento altruista que a isso a deve determinar pelo dever indeclinavel da boa camaradagem, impõe-lhe esse dever o sentimento egoista da manutenção da propria integridade e de que quanto menos numeroso e forte fôr o exercito menos probabilidades tem de alcançar o fim visado.

E, se a sociedade ainda não soube ou não quiz garantir aos seus membros menos favorecidos da sorte e menos providos de meios de resistencia os recursos para elles por si proprios proverem á sua restauração e manutenção propria e dos seus, cumpre-lhe a obrigação de vir em seu auxilio, remedando o que não soube ou não quiz prevenir.

É a razão porque sobre a sociedade por ora impende a obrigação indeclinavel de vir amparar os seus membros feridos pela doença ou na impotencia organica e moral para que elles volvam a prestar o seu concurso activo ou ao menos disfructem a reforma concedda a todos os veteranos que exgotaram o seu sangue e a sua energia em prol da causa commum.

Voltar a cara para o lado e seguir ávante sem em nada se importar com os que caem exanimados na estrada é renunciar á dignidade e solidariedade humana.

Adoptar tal proceder nenhum homem serena e reflectidamente o pensa. Seria atrocamente imbecil para poder ser seguido por qualquer espirito humano, porque ninguem amanhã estará exempto de ser victima d'esse desdenhoso abandono, tão frequentes são os azares da vida que precipitam os mais opulentos na mais profunda miseria.

F. B. Z.

## ECOS DA SEMANA

## A claro

Ha dias, numa das manifestações ao reinante, saudava um seminarista copulativamente o monarca e a santa religião. Durante as festas repetiram-se abundantemente as manifestações de caracter religioso-politico, o clerica-

lismo, ás claras, tomou a peito como cauza propria e dileta a estabilidade da monarchia. Estimamos que o facto tão impressivamente adviesse porque somos dos que desejam que as posições se definam, afirmadas alto e sem duvidas. Sabiamos do conubio entre a Igreja e o trono mas, no entanto, como «muito boa fé ha neste paiz» receavamos que nem to-la a jente quizesse aceitar, taes, as coizas. Pois é verdade, as santas almas tiveram a louvavel corajem de nos tirar de incertezas, inspiradas provavelmente pelo egregio espirito do frade Agostinho de Macedo, um mata-liberaes ás direitas, inimigo do seu inimigo sem delicadezas jezuiticas, um verrinario difamador e soez; mas bastante atrevido para não esconder o seu odio, e bastante violento para o expandir livremente. Vamos por tanto ter contra nós a agua benta, isto é, já a tinhamos, mas um tanto caladamente; excepção feita de um Padre Matos ou qualquer outro confrade. Não vamos encontrar mais perigoza, mais embaraçante, o que ela vae sêr é mais evidente; mais vizível.

Por cauza disso não deixará o mundo de continuar o seu jiro, nem perderão os republicanos o triunfo dos seus ideaes—a havel-o—, visto como, segundo a fraze do espanhol, o concurso da divindade inclina sempre para o lado do combatente mais forte. E, tanto assim é, que ainda temos esperanza de conviver com o clero;—tão bem ou melhor ainda que a Igreja agora com a monarchia. Questão de tempo, e verão os padres, para essa epoca, que realmente não valeu a pena a guerra contra nós feita. Andam mal informados, pelo que vemos,—mas não lho levamos a mal...

### Ainda outra vez...

No nosso ultimo numero mostrámos que, em recursos de defesa, não temos força nacional terrestre nem maritima, apesar do sacrificio monstruozo a que nos obriga o orçamento para o exercito e para a marinha.

Damos hoje, tirando-o de «A Lucta», o depoimento instrutivo de Marinha de Campos—instrutivo, completo e desolador.

«Do ultimatum inglez até agora decorreram 18 annos, o tempo sufficiente para crear uma esquadra e organisar um exercito. Se não tem faltado tempo, dinheiro ainda menos, porque se consumiram entretanto 135 mil contos nos serviços do Exército e 72 mil contos nos serviços da Marinha. Estas duas verbas perfazem um total de mais de 200 mil contos, que em serviços militares se gastaram em Portugal, durante 18 annos.

E estamos hoje como em 1890: não temos nem Exército nem Marinha.

Mas, continuem as festas, que não ha nada como a ignorancia e a inconsciencia para tornar divertido um povo. Goza Zé.

### Entusiasmos...

No dia seguinte ao da ida do rei a Coimbra, 6000 pessoas, nessa cidade, com entusiasmo magnifico aclamam na estação, nas ruas, a republica e os seus caudillos. (Isto é proza e numeros do insuspeito «Janeiro») Ora, na vespera, segundo a narrativa dos jornalistas reizeiros, D. Manoel II definitivamente conquistara a velha Coimbra desde os

lentes e os estudantes, até ás serventes e engraxadores de calçado.

No dia seguinte Coimbra, com o seu povo, ainda no ar o borborinho dos vivas á majestade, torna-se toda republicana, como se fosse em volubilidade o exemplo classico do catavento. Porque sem duvida, muito vitoriado lá foi o rei... pela claque e pelo Calixto.

## ARA

### SAUDADES

Cada uma das palavras que vae lêr com olhos de divina claridade, leva-te, meu encanto, uma saudade mais triste do que as rôlas a jemer.

Poucas, bem poucas são as que, a tremer, aqui te escrevo, ô toda suavidade, mas fossem mil, não foram nem metade das saudades que enturvam meu viver.

Se, arrancados, meus olhos lacrimozos podessem ver os teus, tão misteriozos, que ao vel-os tudo em sonhos se converte,

de só por ti chorarem nunca fartos, arrancára-os eu já, para mandar-tos feliz de me achar cego para vêr-te!

Eugenio de Castro.

## A crise financeira

O depoimento d'um antigo ministro regenerador—Durante o reinado de D. Carlos o «deficit» enguliu 92:300 contos.

Fazendo o balanço financeiro do reinado de D. Carlos, desde o começo de 1890 a setembro de 1907, e referindo-se as suas considerações ao orçamento de 1907-1908, escreve o antigo ministro regenerador, sr. Anselmo d'Andrade, o que vae ler-se:

«As receitas do Estado (1907-1908) foram calculadas no ultimo orçamento em 68:291 contos, mas, como n'esta somma figuram 11:736 de compensações, fica reduzido a 56:455 contos o effectivo das receitas. D'esta importancia, 51:743 contos são provenientes de impostos, e apenas 4:712 são contados como bens nacionaes e rendimentos diversos. São contados, mas mal contados, porque n'estes bens entram 197 contos de addicionaes, para os tribunales administrativos, e 33 de direitos de portagem, perfazendo 230 contos, que devem ir accrescentar a conta dos impostos. Temos portanto 51:973 contos d'impostos, e 4:482 de bens nacionaes, contando-se como taes o rendimento de alguns monopolios fiscaes, como os dos bancos. Ora um orçamento, em que 92 por cento das receitas são tirados do imposto, é o orçamento d'um paiz indigente ou de uma nação para ysada.

Onde não ha é o rei quem perde, dizia-se antigamente, mas isso é maxima que fez o seu tempo. Onde não ha pedese emprestado, e d'emprestimos temos vivido e vamos vivendo. E' certo que todas as nações fazem o mesmo, mas com as suas differenças de applicação. Quando o Estado alargar a sua

acção em obras de fomento e serviços de obras publicas—estradas, caminhos de ferro, canaes, telegraphos e muitas outras, é naturalmente obrigado á progressão nas despesas. A consequencia d'essa progressão é a progressão tambem no imposto, mas faltando quasi sempre a este meio de receita a elasticidade necessaria para acompanhar as despesas, recorre-se ao emprestimo, para cujo producto, em paiz de boas finanças, se deve encontrar sempre a correspondente capitalisação em utilidades publicas. N'esta ordem d'idéas, vamos vêr fugitivamente o que se tem feito em Portugal ao dinheiro dos emprestimos.

Contemos de 1890 para cá. Esse anno é uma data historica. Começava uma crise, e tinha começado tambem um reinado. Desde então não se tem vendido mens de 90 mil contos nominades de titulos de divida publica interna, que a um preço medio de 34 deverão ter produzido em conta redonda 31:500 contos.

Vamos seguindo. O Estado deve ao Banco de Portugal por contractos diversos 21:568 contos, não incluindo pequenos emprestimos, que tiveram destino especial, e que por isso deverão ter nas obras realisadas o activo correspondente. D'aquella somma ha, porém, a deduzir 7:348 contos, que o Estado já devia ao banco em 31 de dezembro de 1890. Temos, pois, de contar 14:180 contos de divida feita pelo Estado ao banco no periodo estudado. Continuemos. A divida dos tabacos pelos dois emprestimos de 1891 e 96 está hoje em 34:745 contos; mas como as emissões foram feitas longe do par—n'um dos emprestimos a 402 francos por cada titulo de 500, e n'outro a 415 francos—deve-se deduzir a differença entre o nominal e o realisado, que é de 9:430 contos. Contemos por isso 25:315 contos sómente. Vamos a teante. A divida fluctuante, que em 31 de dezembro de 1890 era de 33:728 contos montava em 30 de setembro ultimo a 76:368. Cresceu portanto de 90 para cá 42:640 contos. Accrescentando a este rol de dividas 485 contos de bens nacionaes vendidos—po: signal bem ao desbarate—temos uma somma total de 114:120 contos. E' este aproximadamente o producto dos emprestimos feitos ao Estado nos ultimos 18 annos.

Tendo-se vivido n'um regimen de paz, e não havendo sequer a registrar no ministerio da guerra as despesas de armamento, porque essas tiveram a correspondente dotação em emprestimos especiaes, é nas obras publicas que principalmente se deve procurar o activo correspondente ao dinheiro dos emprestimos, visto que para occorrer ás despesas ordinarias ha as receitas tambem ordinarias, que as teem acompanhado nos seus progressos. Ora nas obras publicas, realisadas de 1891 para cá, contam-se:

136 kilometros de linhas ferreas a 45 con-

tos .....	6:120 contos
1:638 ditos d'estradas a 4 contos .....	6:552 »
1:180 ditos de linhas telegraphicas a 100 mil reis .....	218 »
Total...	12\$790 »

São estas as despesas pelo ministerio das obras publicas, a que corresponde um augmento de riqueza publica, tendo de as accrescentar pelo ministerio da marinha com 3:000 contos do segundo emprestimo dos tabacos empregados na compra de navios de guerra, e ainda com mais 5:900 contos aproximadamente da indemnisação do caminho de ferro de Lourenço Marques. Sommam estas verbas 8:900 contos, em numeros redondos. A isto se reduz a parte dos emprestimos legitimada por um augmento de riqueza publica equivalente. Assim, para um passivo de 114 mil contos, não encontramos no activo senão 21:700 contos. Ha uma differença de 92:300 contos. Perderam-se. Não. Enguliu-os o «deficit», de appetite insaciavel e estomago de Gargantua. Todos os annos se atira para dentro do formidavel ventre com alguns milhares de contos, e tudo é sofregamente devorado». No orçamento d'este anno foram destinados para alimento do gigante 969 contos, mas pela fartura com que está sendo tratado o monstro famélico mal chegará aquella somma para a ração de dois mezes. E' o mesmo. Continua-se a pedir emprestado, e vae-se deitando tudo o que vier no tonel sem fundo das Danaides».

Deve notar-se que o sr. Anselmo d'Andrade se referia ás contas publicadas até setembro de 1907. Então, a divida fluctuante era de 76:368 contos, hoje é de 80:159, segundo as ultimas contas.

Em 1907 ainda estavam livres o rendimento dos phosphoros e as 72:000 obrigações dos caminhos de ferro; agora depois que os partidos monarchicos se concentraram, aquelle rendimento foi empenhado, como o foram aquellas obrigações e ainda milhares de contos de titulos da divida interna, para garantia de supprimentos ao juro de 7 por cento. Tal é a obra da concentração monarchica em pouco menos d'um anno de reinado novo.

(De «A Lucta».)

## Polvora sêca...

Na nossa civilização, tão artificial e cahotica, ha imensas coizas que não somente são um disparate, uma abstruza incongruencia, mas alem disso um desconhecimento completo das leis do justo; e uma negação absorvente das prerogativas da razão. Uma inauguração de uma linha ferrea, com a assistencia de reis, côrte, principes da igreja, ministros, magnates; expressamente reunidos para reconhecer a existencia do novo rebento do espirito revoltado e livre, é um desses cazos que,

sendo banaes em qualquer parte, em parte nenhuma se explicam.

A construção de uma via ferrea, antes de nada mais, é o valor de força dispendida, isto é, o commercio de vida dos que, em cada uma das diviões do trabalho alcançaram a obra una, triunfante e viva, que é um comboio em andamento.

Uma linha ferrea, portanto, representa o trabalho de extração do ferro, o da fundição nos altos fôrnos, o da hulha arrancada ás profundezas da terra, o da tempera do aço, o da côrte, serração e disposição do madeiramento formando carruagens; e toda a faina penosa do assentamento da via, da perfuração de tuneis, da construção de estações, angars, caes, etc., etc.

Nela trabalharam (ás vezes a milhares de leguas de distancia) uns companheiros dos outros) operarios mineiros, fundidores, serralheiros, carpinteiros, pontoneiros, britadores de pedra, cabouqueiros, aterradores; os que assentam a via; os que preparam a chulipa; os que obteem o carril; em suma, uma infinidade de homens e uma diversidade imensa de profissões cuja sinteze verbal é:—o trabalhador. Pois muito bem—concluida a obra, integralizado o suor parcelar de cada produtor na maravilha de mecanica que vae arar novas terras, enriquecendo-as e civilizando-as; ao inaugurar essa soma prodijioza de vida gasta—quem parece o virá fazer colhendo os louros, e recebendo a gratificação das nações? O trabalhador—não?!... Inaugurar uma linha ferrea, e o rei e o bispo e o cortezão com duas palavras põem tudo em marcha, com um jesto apreendem o fructo alheio;—e são aclamados e banqueteados e admirados, como se todo o credito do que lhes está em opposição tivesse, por majica, incidido sobre o rei, sobre o bispo, sobre o cortezão, sobre o jeneral!...

São para eles o comboio especial, a macieza dos coxins, a velocidade, a precizão de movimentos, a segurança construtiva; e os galhardetes, as musicas, o jubilo publico, as saudações, as mensajens. Nada fizeram, não dispenderam com a via ferrea minuto algum de trabalho, de perigo, de incomodo, e por uma injustiça formidavel e desconcertante substituem, completamente, os autores d'aqueles comboios, d'aqueles carris, d'aquelas pontes, d'aquelas estações e d'aquelles caes;—substituem-os para possuir tudo aquilo; para gozar tudo aquilo! E' unico, e, bem meditado, faznos temer que uma epidemia de loucura houvesse atacado os homens desde ha muitos seculos, desde o dia em que o primeiro furto se praticou no planeta com o consento de todos,—até mesmo do que o sofreu. Na verdade, porem, não é um cazo de loucura, é coiza diferente, e sabem muito bem que o socialismo e o anarquismo, milhões de bôcas, dão um nome proprio a esse absurdo. Mas não nos lembra como lhe chamam...

## O CÔRADOURO DO CAZAL

Ha tempos noticiou um colega, nos cazos do *fait-divers*, a tomada por um proprietario do lavadouro-coradouro, publico, do Cazal; relatando o facto e reclamando da edilidade as providencias que urjiam. No seu ultimo numero, o colega, retificando o seu dito, concorda em que o logar é propriedade do cavalheiro; e assim dá por findo o caso. São pontos de vista que nos são extranhos, e a que não aludimos; fazendo o relato da intromissão desse jornal na materia não o fazemos para estirar conclusões, mas sim para dispozção do que vae tratar-se.

Era verdadeira a noticia, era fiel o relato. Um proprietario vizinho do lavadouro publico do Cazal tomou o sitio, levantando o caso protestos, e justos, da pobre jente que vive da amarga canceira de lavar roupa, assalariada, com o ganha-pão comprometido; e alem desses, protestos de muita jente, pois que a innovação a fazer-se representa, para grande parte da população desta vila, um gravissimo e não facilmente remediavel prejuizo. O proprietario dos confinantes terrenos bem mal comprehende os deveres da reciprocidade social,—aquilo não se pratica, porque na verdade é um embaraço ás perogratiyas locais o antipatico feito. Não se pratica, quer mesmo que um inseguro direito lhe dê argumentos limpos, motivos determinativos, o que é afirmado por uns mas denegado por outros, e, essencialmente, não agradavel para ninguém. Isso, no entanto, é lá com os homens dos codigos; por nós, o que conhecemos, é desde tempo imemorial o lavadouro-coradouro, *excluzivamente* com esse emprego; *liberrimamente* na posse das lavadeiras; que d'ele se serviam como de logradouro publico. Nunca—isto, do conhecimento do direito popular á serventia e applicação da mesquinha nesga de terra,—foi por alguém contestado; ninguém, nunca, embaraçou o seu uzo pelas lavadeiras;—e uzo pacifico, como quem diz—reconhecido.

Durante dezenas de dezenas d'anos jerações inteiras se teem substituido legando as antecessoras ás descendentes aquele arrelvado, renhe á agua, como uma das regalias comuns. Sem duvida teria sido pertença da propriedade vizinha, em tempos, remotamente até á epoca em que, por artificio industrial, se construiu a levada. Depois como para nada servia abandonaram-no ao povo e d'aquella terra que não sabemos que dimensões comportava as aluviões successivas fizeram o que vemos hoje. Proprietario ninguém poderá, d'aquilo, julgar-se; não estando, ainda, provado que parte do chão actual não provenha do sedimento das aguas, unicas que não invocam os seus direitos.

Sucintamente, até aqui, o *aspecto moral do caso*; vejamos, ora, as condições materiaes que é indispensavel expôr.

Ou o terreno é particular, ou o não é. Se o não é, simplesmente, uma ordem basta; para despejo, ao intruzo. Sendo-o, apesar da possessão publica, permanente e imemorial, o caso então ainda é facil de solução que contente a todos—dono e queixozos.

Expropriação por utilidade publica, transformal-o de direito, como já o era de facto, em posse plena do publico.

A lealdade manda que previnamos da afirmação constante do proprietario, parcial talvez, mas digna, ao menos, de ser ouvida: «o terreno nunca foi possessão gratuita e livre de quem quer que fosse, pois o arrendavam os donos ao alugador dos moinhos».

Será isto e por isto mesmo a questão complica-se?

Teremos em prezença a dois direitos: o *povo que se servira sempre e como dono proprio*, do terreno; e o proprietario, que pela cendencia a qualquer terceiro o tributava na renda? Cá tornam os homens da lei: eles que contendam...

O facto é que o lavadouro do Cazal é uma necessidade permanente e local e foi, até agora, uma regalia popular.

Pode deixar de se sêr sem que compensação adequada e equivalente se dê ao povo de modo a não provocar a falta perturbações economicas, inevitaveis; e prejuizos de toda a ordem, certissimos?

Não. E' com a Camara fazer respeitar os intresses jeraes de Ovar, as justas conveniencias dos municipes.

Não permitirá, sobre si, o vexame, de não se importar do caso; não quererão, e dignamente os vereadores que a constituem perder a confiança, o respeito dos seus patricios cumpre-lhe ajr resalvando, impondo os intresses de que é a natural defensora. Para a camara, pois, recorremos; com imparcialidade e firmeza proceda, dando razão a quem a possui, e readquirindo para o uzo de toda a jente o côradouro do cazal. O interesse publico assim o exige:—assim proceda por consequencia.

## NOTICIARIO

## Dia a dia

Passou no dia 24 o anniversario natalicio da menina Lucinda Carneiro dos Santos Lima.

As nossas felicitações. —Deu-nos o prazer da sua visita o snr. Antonio José Vianna, consideradissimo commerciante em Manaos.

## Fallecimento

Com a avançada idade de 97 annos, falleceu na manhã de 23 do corrente, a snr.<sup>a</sup> D. Maria Pereira, sogra do considerado commerciante d'esta praça, snr. Manoel Valente d'Almeida e avó do nosso prestimoso director e amigo Antonio Valente d'Almeida.

Não obstante a sua longividade, a morte da veneranda anciã causou profundo desgosto a sua familia, que a extremecia com desvelado carinho e a adorava como a uma reliqua, tanto mais que, restabelecida d'uma delicada doença, nada fazia prever tão repentino desenlace.

O saimento funebre effectou-se n'esse mesmo dia ao anoitecer com numerosa e selecta concurrencia, ficando o feretro depositado na igreja parochial, para ser presente aos officios funebres que na manhã seguinte se celebraram.

No prestito, atraz do ataudé, que era conduzido á mão por irmãos pobres da Ordem Terceira de S. Francisco, seguiam os snrs. Angelo Amaral, com a chave do caixaõ, Gustavo Sobreira, com a toalha, tenente Belmiro Duarte Silva, com uma corôa de lilazes, begonias, botões de rosa e secas, com a dedicatória «Ultimo aleus de sua filha e genro», Ernesto Lima, com uma corôa de jacinthos, martyrios, amores perfeitos, lirios e begonia, com a dedicatória «Saudade infinda de seus netos», Francisco de Souza Villa, com outra corôa de glacinias, botões de rosa, jacinthos e begonias com a dedicatória «Saudade da familia Araujo», Antonio Sobreira, com outra corôa de despedidas, martyrios, amores perfeitos, lilazes e begonia com a dedicatória «Saudade de Manoel Anselmo» e Nunes Branco, com um bouquet botões de rosa, myosotis, lilazs brancos e folhas d'hera com a dedicatória «Saudade das creadas Gloria, Joanna e Margarida».

A' familia da saudosa extincta, especialmente ao nosso director, a expressão sentidissima do nosso pesar.

## Escolas moveis

Já se acha aberto desde segunda-feira o curso nocturno, para adultos, da missão escolar da Associação das Escolas Moveis pelo methodo João de Deus.

Este curso funciona todos os dias uteis, pelas 6 horas e meia da noite, no salão do centro republicano d'Ovar, na rua de Sant'Anna, para o qual já estão inscriptos varios individuos, continuando, porem, a inscripção aberta até á proxima segunda-feira 30 de novembro.

Convem que todas as pessoas que não sabem ler, escrever e contar aproveitem este beneficio, porque, alem de nada pagarem para aprender, ninguém lhes exige compromisso algum politico, isto é, apesar d'esta missão ser subsidiada pelo partido republicano local, este não obriga aquelles que frequentarem o curso a virem para a Republica. Cada um pode ficar com as ideias politicas que tem, porque, como se verá pelos factos, nas aulas nunca se tratará de politica. E' conveniente que os bem intencionados e os amigos da instrucção, na sua propaganda façam ver estas observações aos analphabets e suas familias.

Conveniente é igualmente que os que tencionam concorrer as aulas, o façam sem demora porque, preenchido o quadro dos alumnos ficarão preteridos os retardatarios.

Alem d'este, será aberto outro curso d'urno mixto para creanças.

Esta missão está a cargo do intelligente e illustrado professor sr. Jacintho Simões.

## Eleições parochiaes

No penultimo numero, fazendo echo do que annunciaram algumas gazetas de grande informaçãõ, dissemos que as eleições parochiaes se celebravam em 15 do corrente, quando é certo que só no proximo domingo, 29 do corrente se effectuarão, como ordena o Codigo administrativo.

Confirmando, porem, o que

então declaramos com relação á attitude do nosso partido perante o acto eleitoral, essas eleições serão disputadas e fiscalizadas pelos republicanos nas freguezas de Ovar e Vallega.

Aos nossos correligionarios, pois, rogamos a sua comparencia áquelle acto.

## Bôdas de prata

Passou no dia 22 o 25.º anniversario do casamento do sr. dr. Antonio dos Santos Sobreira, director do nosso estimado collega «A Discussão».

Felicitando sua Ex.<sup>a</sup> e sua Ex.<sup>ma</sup> esposa, appetecemos ao feliz casal, que ora festejou as bodas de prata, celebre com a mesma satisfação as bodas d'ouro.

## Theatro

Houve domingo no nosso theatro um spectaculo dado por uma pequena companhia dirigida pelo actor J. Paulo.

Esse spectaculo composto de duas comedias e cançonetes, não desagradou pelo seu desempenho. Caza pequena.

## Feira

Realizou-se domingo no Largo Almeida Garrett a terceira feira de gado suino, em cujo mercado se effectuaram bastantes transacções.

O preço da carne oscilou entre 35700 e 35900 reis a arroba (15 kilos).

## Aguas do Barreiro

Estas aguas minero-medicinaes que brotam d'uma nascente nas faldas da Serra do Caramulo, (Beira-Alta) são muito recomendaveis em varias doenças mas no que élas mais uteis se tornam é na cura da *Anemia*, pois são essencialmente ferrug nosas.

Varios atestados medicos assim o demonstram.

A analise quimica vem estampada em cada rotulo.

E' agente n'esta villa o sr. Silva Cerveira, que as tem sempre em deposito.

## AGRADECIMENTO

Francisco Fernandes Souza Villas e familia, vem penhorados e muito agradecidos patentear o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas que lhes enviaram pezames pela irreparavel perda, da sua chorada irmã, como também áquelles que prestaram o caridoso obsequio de acompanhar o seu enterro, e assistiram á missa do 7.º dia.

Ovar, 20 de Novembro de 1908.

## AOS LAVRADORES

Já é hoje um facto bem provado e sabido por os lavradores que apenas sabem lêr e escrever que as plantas precisam d'azote e acido phosphorico, potassa e cal.

De todos estes elementos talvez o mais importante sobretudo na cultura de cereaes que é a mais espalhada no nosso concelho, é o acido phosphorico que é tambem o que em menos quantidade se acha na terra. E' preciso pois fazer adubações com acido phosphorico em grandes quantidades o que faz dar boas colheitas e com a vantagem de não se perder o que as plantas não aproveitem porque fica nas terras embora chova muito, indo as outras colheitas aproveitá-lo. Para se saber a importancia do acido phosphorico basta dizer-se que as adubações feitas só com elle dão boas colheitas emquanto que só com cada um dos adubos que contemham azote, potassa ou cal, já não as dão tão boas. Depois do acido phosphorico o elemento mais importante é o azote.

Entre os muitos productos apresentados em commercio para fornecer o acido phosphorico o mais antigo é certamente o pó d'ossos e ainda o melhor e mais barato. Antigamente era até o que se usava exclusivamente e ainda não era preparado com a perfeição com que hoje se prepara.

E' o unico adubo phosphatado que se dá bem em todas as terras e de facil applicação e d'effeitos rapidos e seguros.

Além d'isso tem a grande vantagem de ter acido phosphorico e azote embora este em menor quantidade, tornando-se pois um adubo completo e muito barato porque se o lavrador que o empregar usasse outro adubo por exemplo o superphosphato de cal, teria de comprar tambem um adubo azotado, como o nitrato de sodio ou outro. Assim com um só, faz o effeito dos dois. Mas se quizer mistural-o com outros póde fazel-o á vontade sem estragar nenhum, o que não acontece com alguns dos outros adubos.

Já em Ovar se vende o pó puro d'ossos, com dosagens garantidas e baratissimo; procurem-nos em casa de José Ferreira Malaquias, no Largo dos Campos que lhes dará todos os esclarecimentos necessarios sobre a quantidade a empregar, tórma de o fazer, etc.

Experimentem uma vez n'um bocado pequeno e verão que nunca mais deixam de o usar e que dão por bem empregado o dinheiro que dêrem por elle.

## ANTIGA OURIVESARIA

DE  
PLACIDO O. RAMOS

José Placido Ramos participa ao publico em geral, que acaba de chegar ao seu estabelecimento, um novo sortido de estojos em prata, proprios para brindes, taes como: cigarreiras, fosforeiras, copos para leite, talheres para creança, escovas de unhas e de dentes, dedaes, paliteiros, cinzeiros, argolas para guardanapos, etc.

ARMAZEM DE LANIFICIOS E FAZENDAS BRANCAS  
DE  
ALVES CERQUEIRA

PRAÇA — OVAR

N'este estabelecimento vendem-se todos os artigos de lanificios e de fazendas brancas por preços commodos.

Grande sortido de toalhas de Guimarães, lençoes de banho, guardasoes e chapéus.

Agencia das importantes Companhias de Seguros — Probidade e Indemnizadora — e do Banco Commercial de Lisboa.

GRANDE DEPOSITO DE AZEITE

DE  
JOSÉ RODRIGUES FIGUEIREDO

NA  
RUA DAS FIGUEIRAS — OVAR

Tem sempre, para revenda, azeites das mais finas qualidades e de magnifico paladar, do Douro, Beira Alta, Beira Baixa e Elvas, que vende a preços relativamente baratos.

MERCEARIA VALENTE

PRAÇA — OVAR

Além d'outros artigos de mercearia, encontra-se á venda n'este estabelecimento toda a qualidade de vinhos do Porto e Madeira, manteigas recebidas directamente das melhores fabricas de Cambra.

Variado sortido de ferragens, tintas e vernizes.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ernesto Zagalo de Lima  
PHARMACEUTICO  
Rua da Praça — OVAR

Domingos da Fonseca Soares  
COM  
ARMAZEM D'ARROZ  
NA

Rua de S. Bartholomeu — OVAR

Salvador & Irmão  
RUA DA GRAÇA — OVAR  
VENDEM

Arroz nacional de todas as qualidades, milho nacional e estrangeiro e siam cereaes de produção nacional.

A PREÇOS BARATOS

MANUEL DA SILVA

BONIFACIO & C.<sup>a</sup>

COM

DEPOSITO

DE  
Arroz nacional, cereaes e legumes seccos.

Rua de Santo Antonio — OVAR

CASA CERVEIRA

FURADOURO

Hotel—Café e Bilhar

Bons commodos, bom tratamento a preços modicos.

Aberto de 1 de Julho a

20 de Novembro.

HORARIO DOS COMBOYOS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 5 DE NOVEMBRO

	Comboyos	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.		Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Cor.	
													Este comb. é novo
MANHÃ	S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	TARDE	2,45	3,33	5	5,40	8,45	
	Espinho	6,20	7,30	8	9,28	10,48		3,40	4,31	5,39	6,41	9,46	
	Esmoriz	6,36	7,38	8,16	—	11,2		—	4,46	—	6,58	9,53	
	Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7		—	4,52	—	7	—	
	Carvalh.ra	6,48	—	8,28	—	11,11		—	4,59	—	7,11	—	
	OVAR	6,58	7,52	8,38	—	11,22		—	3,59	5,9	—	7,22	10,13
	Vallega	—	7,57	—	—	11,29		—	—	—	—	7,29	—
	Avanca	—	8,2	—	—	11,35		—	—	—	—	7,36	—
	Aveiro	—	8,36	—	10,6	12,16		—	4,37	—	6,14	8,17	10,55

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

	Comboyos	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.		Rap.	Tr.	Om.	Rap.	Om.	
MANHÃ	Aveiro	3,54	5,45	—	—	11	TARDE	2,5	—	5,34	9,55	10,28	
	Avanca	4,37	—	—	—	11,39		—	—	6,9	—	—	
	Vallega	4,43	—	—	—	11,43		—	—	6,14	—	—	
	OVAR	4,51	6,23	7,20	10,10	11,54		—	—	5,35	6,23	—	11,4
	Carvalh.ra	5,2	—	7,31	10,21	12,4		—	—	5,46	—	—	—
	Cortegaça	5,7	—	7,36	10,26	12,8		—	—	5,51	—	—	—
	Esmoriz	5,13	6,37	7,42	10,33	12,13		—	—	5,57	6,38	—	11,18
	Espinho	5,30	6,46	7,59	10,51	12,30		—	2,39	6,14	6,51	10,34	11,28
	S. Bento	6,34	7,47	9,2	11,54	1,47		—	3,18	7,15	8,1	11,16	12,26

CASA CERVEIRA

PRAÇA — OVAR

Mercearia, miudezas, vinhos finos e bebidas de todas as qualidades.

Grande deposito de esteios de lousa, para vinha e vedações.

Tanques de lousa para agua, bancas de lousa para cozinha, por preços inferiores aos do Porto, por contracto com uma importante fabrica de Vallongo.

Grande sortimento de livros escolares e litteratura, encarregando-se de mandar vir com toda a rapidez, toda e qualquer obra, nacional ou estrangeira, sem augmento de preço.

Agencia de todas as casas editoras, tomando assignatura de qualquer obra.

TANOARIA

EM  
ARMAZENS DE VINHOS

EM  
OVAR—Rua das Figueiras

DE

Carrelhas & Filho, Successor

Vinhos maduros, verdes (tintos e brancos) e finos.

Alcool, aguardente de vinho e bagaceira, geropigas finas e baixas.

Vinagres tinto e branco.  
Na sua conhecida TANOARIA, faz toneis, pipas, meias pipas, barris de quinto, decimo e tudo o mais concernente á mesma, garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

Tudo a preços convidativos.

RELOJOARIA

Serve magnificamente em seriedade de transações e em perfeição de trabalho a de Augusto da Cunha Farraia.

Ovar—Rua da Praça

Vinhos tintos, brancos e geropigas

Directamente recobidos das propriedades do Ill.<sup>mo</sup> Sr. Manoel Valente de Almeida, vendem-se a retalho no estabelecimento de Augusto da Cunha Farraia.

Companhia de Seguros "Portugal,"

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital Rs. 1.600:000\$000

Emitido 320:000\$000

EFFECTUA

SEGUROS TERRESTRES

contra

Fogo, incluindo o proveniente de raio ou explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos em todo o reino

E

SEGUROS MARITIMOS

contra

Avaria grossa e particular

Séde em Lisboa

Agente no Porto: José Ribeiro Borges

EM OVAR: Dá informações sobre esta importante Companhia Fernando Arthur Pereira, na tanoaria Carrelhas—Rua das Figueiras.